

CONSIDERAÇÕES SOBRE ASPECTOS SOCIAIS E AMBIENTAIS DO CONSUMO RESPONSÁVEL

Alzira Amâncio Garcia

Bacharel em química. Especialização: Gestão do 3º Setor - FGV (2013), Sustentabilidade e Resp. Social - FGV (2010), Sócio Psicologia - FESPSP (2009), Gestão Ambiental FSP/USP (2002), Limnologia e Manejo de Rec. Hidr. IIE (2001), Tratamento de Águas Residuárias - UNG (1995), Microbiologia Básica - UNG (1993) e aperfeiçoamento: Formação Cidadã - Esc. Governo/USP (2013) Política Social e Organizações do 3º Setor Fac. Renascença (2002). Atualmente é química na Sabesp/Sup. Gestão Ambiental e Diretora no SINGUIP.

Endereço: Rua Costa Carvalho nº 300 – Bairro Pinheiros - Cidade São Paulo - Estado São Paulo - CEP: 05429-900 País Brasil - Tel: 55 (11) 3388.8006 - Fax: 55 (11) 33889027, e-mail: azagarcia@sabesp.com.br.

RESUMO

O indivíduo na sociedade moderna apresenta um comportamento característico, de consumir além daquilo que precisa, na busca da satisfação de suas necessidades, acarretando graves consequências para o meio ambiente. Esse tipo de consumidor é incapaz de entender a correlação que existe entre os seus hábitos de consumo e os impactos decorrentes, como o esgotamento dos recursos naturais e o incremento da geração de resíduos. Intensificar o consumo é a nova ordem mundial no capitalismo globalizado, onde consumir é sinônimo de existir. As constantes mudanças na economia geram a concentração de riquezas, a exclusão social e favorece uma organização social instável que promove modificações no comportamento humano e nas interações sociais. A partir dessas considerações, o presente trabalho se propõe a discutir o consumismo, destacando que a produção de bens materiais gera desequilíbrio ambiental. Destaca como as insatisfações pessoais determinam novos padrões comportamentais e de consumo que corroboram para estabelecer a sociedade de consumidores. Conclui que é necessária uma mobilização social, em um esforço coletivo, para que haja o despertar de uma nova consciência social e ambiental responsável, que adote um padrão de consumo de materiais que propicie o desenvolvimento sustentável, garantindo a qualidade da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Consumo responsável, geração de resíduos, descarte adequado

INTRODUÇÃO

Nos primórdios da humanidade os seres humanos, espécie minoritária sobre a superfície da terra, eram indivíduos errantes que se vestiam de peles de animais e sobreviviam da caça e da pesca, quando o alimento se tornava escasso mudavam de lugar, deixando para trás os “restos” de suas atividades (lixo). Ao se fixarem às margens dos rios onde havia terras férteis, dominaram a natureza para a produção de seus alimentos, esta situação favoreceu o surgimento das práticas de agricultura e de domesticação de animais. Os indivíduos se multiplicaram e começaram a se distinguir das outras espécies, promovendo um sensível aumento populacional. Para Paganini, *“O homem e o rio sempre tiveram uma relação de cumplicidade, desde as épocas mais primitivas. Utilizado como fonte de alimento, lazer e transporte, ou às vezes venerado como divindade, como é o caso do Rio Ganges, na Índia, é ao longo do curso dos rios que o homem sempre buscou instalar sua família, construir suas cidades e desenvolver suas nações.”* (2008).

Com o advento da agricultura há cerca de 10 mil anos atrás, segundo Ribeiro (1998) iniciou-se o processo civilizatório na humanidade, período em que os seres humanos passaram a conviver em grupo com o propósito de potencializar as possibilidades e garantir vantagens de sobrevivência. Segundo Freud (1930) é também nesse período que o homem teve que se adaptar às novas exigências impostas, decorrentes da vida em sociedade, submetendo-se ao processo civilizatório, renunciou aos seus instintos basais se impondo um grande sacrifício, contudo elevou a sua condição de vida humana acima de sua condição animal.

Nesta época não havia critérios para a destinação dos resíduos gerados, talvez a única preocupação seria o afastamento do “lixo” dos locais de convivência. Considerando a quantidade e as características biológicas e físico-químicas desses resíduos, estes não propiciavam um impacto significativo na capacidade regenerativa

do meio ambiente pois eram facilmente assimilados pelos sistemas ecológicos. Barciotte comenta “*que há relatos que na antiguidade, além da prática do lançamento de resíduos a céu aberto e em cursos d’água, enterrava-se e usava-se o fogo para a destruição dos restos inaproveitáveis.*” (1994).

Dando um salto histórico, chegamos ao século XVIII na Inglaterra no advento da Revolução Industrial quando a utilização das máquinas a vapor, atribuiu velocidade aos processos produtivos originando a transferência do trabalho artesanal para a produção em grande escala. Nessa época, a Inglaterra possuía grandes reservas de carvão mineral, principal fonte de energia para movimentar as máquinas, além das reservas do minério de ferro, condições que favoreceram a instauração da produção em série, que contribuiu para que a população adotasse um novo padrão de consumo que provocou o aumento da geração de resíduos. A mecanização dos sistemas de produção na Europa, iniciada em 1.780, promoveu uma significativa evolução tecnológica, econômica e social para a humanidade, todavia é também nesse período que se inicia a exploração predatória dos recursos naturais e as agressões ao meio ambiente.

Em decorrência da industrialização deu-se início a migração da população dos campos para os centros urbanos em busca de melhores condições de vida e oportunidades de trabalho, deflagrando um processo de urbanização descontrolado. Com isso, os centros urbanos passaram a assumir o papel, por excelência, de locais promotores de constantes inovações na tecnologia, na organização social e na econômica, o surgimento de novas classes sociais, a melhoria da renda per capita e maiores possibilidades de ascensão socioeconômica impactaram de sobremaneira nas relações sociais.

O aumento da população e da quantidade e variedade de tipos de resíduos gerados vem exigindo áreas cada vez mais extensas para a disposição final do “lixo”, onerando esses espaços. De acordo com Gunther é “*Inegavelmente o ambiente urbano proporciona maior facilidade de acesso a bens e serviços e melhores oportunidades. A concentração populacional permite o atendimento de infraestrutura de serviços básicos de forma mais racional. No entanto o adensamento populacional aumenta também a produção de resíduos sólidos e traz a reboque a questão de como gerenciar o volume gerado diariamente, como proceder a sua recuperação e tratamento para minimizar a quantidade e como solucionar a necessidade de espaço para sua disposição final*” (2008).

A disposição equivocada dos resíduos nos corpos hídricos ao longo dos tempos, vem causando alterações nas características biológicas e físico-químicas dos rios e córregos, provocando impactos na cadeia alimentar e alterações nos teores de metais pesados, pH, concentração de nutrientes, DBO, oxigênio dissolvido, turbidez dentre outros parâmetros. A negligência no descarte provoca mudanças significativas na qualidade de vida, causando inconvenientes as atividades normais e ao bem estar da população, bem como danos ao meio ambiente: biótico (fauna, flora) e abiótico (recursos hídricos, solo e ar). Odum compara o homem a um “parasita”, afirmando: “*Até a data, e no geral, o homem atuou no seu ambiente como um parasita, tomando o que dele deseja com pouca atenção pela saúde de seu hospedeiro, isto é, do sistema de sustentação da sua vida*”. (1997).

Os resíduos gerados deveriam ser confinados em instalações adequadas, a fim de evitar danos à saúde pública, estruturas construídas a partir de técnicas de engenharia e segurança, como aterros sanitários, quando esgotadas todas as possibilidades de reuso e reciclagem. Contudo, está não é a realidade no Brasil, pois segundo estimativa da Confederação Nacional dos Municípios (CNM), há cerca de 2 mil estruturas em que os resíduos são dispostos em áreas a céu aberto, onde a decomposição dos resíduos sólidos contamina o todo solo e os lençóis freáticos.

Depositar o “lixo” em locais inadequados propicia o desenvolvimento de organismos que utilizam os resíduos com alimento e abrigo, como as larvas de mosquitos vetores de doenças como a dengue e a leishmaniose, e ainda atrai e favorece a proliferação de baratas, ratos, escorpiões, dentre outros animais, portadores de bactérias e vírus transmissores de doenças que causam diarreias infecciosas, amebíase, leptospirose etc.

ANIMAL	VEICULO	DOENÇAS
Ratos e pulgas	Mordida, urina, fezes e picada	Leptospirose, peste bubônica, tifo murino
Baratas	Asas, patas, corpo, fezes	Febre tifóide, cólera, giardíase
Moscas	Asa, patas, corpos fezes e saliva	Febre tifóide, cólera, amebíase, disenteria, giardíase,
Mosquitos	Picada	Malaria, febre amarela, dengue, leishmaniose

Quadro 1: Doenças relacionadas com o depósito inadequado de lixo (Fonte - FUNASA 2004)

XXVI Encontro Técnico AESABESP

Esses locais, onde ocorre a disposição a céu aberto dos resíduos sólidos, além de se transformarem em um ponto de atração para diversos organismos capazes de transmitir inúmeras doenças atribuídas ao lixo, ainda há outros aspectos a se destacar como:

- presença de aves (urubus) e outros animais na busca por alimentos;
- problemas estéticos e de odor;
- geração de gases tipo metano (explosivo) resultado da decomposição matéria orgânica;
- queima de resíduos, principalmente material plástico, contaminando o ar com dioxinas e furanos;
- contaminação do lençóis freáticos, rios e córregos pelo escoamento substâncias tóxicas e chorume (líquido resultante do processo de putrefação de matérias orgânicas) e
- presença de catadores, adultos e crianças que sobrevivem da separação e comercialização dos materiais recicláveis.

A geração de resíduos é inerente ao desenvolvimento humano que vem reproduzindo a cultura do descartável. Segundo a Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais - ABRELPE, dados dos últimos anos evidenciam que quantidade de resíduos gerados no Brasil cresce mais que a população.

A redução dos impactos resultantes do inadequado gerenciamento dos resíduos, está ligada a implementação de políticas públicas de gerenciamento de resíduos sólidos, que disciplinem atividades como: redução na geração, coleta seletiva urbana, reuso de materiais, reciclagem dos resíduos, reinserção dos resíduos sólidos na cadeia produtiva, compostagem e a disposição final ambientalmente adequados apenas de rejeitos. De acordo com a Lei 12.305/2010 *rejeitos são resíduos sólidos que, depois de esgotadas todas as possibilidades de tratamento e recuperação por processos tecnológicos disponíveis e economicamente viáveis, não apresentem outra possibilidade que não a disposição final ambientalmente adequada.*

Com a promulgação da Política Nacional de Resíduos Sólidos - PNRS, por meio da Lei Federal 12.305 de 02/08/2010, os estados e os municípios brasileiros ficaram diretamente responsabilizados pelo gerenciamento dos resíduos sólidos e pela implementação da coleta seletiva urbana, com a inclusão das cooperativas de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis.

Cabe ressaltar que a PNRS determina que “... *na gestão e gerenciamento de resíduos sólidos deve ser observada a seguinte ordem de prioridade: não geração de resíduos, redução, reutilização, reciclagem, tratamento dos resíduos sólidos e disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos*” (artigo 9º). A observância da referida ordem de priorização contribui para redução dos aterros, favorecendo a inclusão das cooperativas de catadores de materiais recicláveis. Neste sentido, o papel de cada cidadão é fundamental, colaborando na devolução dos resíduos pós-consumo para sejam reintroduzidos na cadeia produtiva, de forma independente do serviço público de limpeza urbana.

O artigo 30 da PNRS determina que a “*responsabilidade compartilhada*” deve ocorrer ao longo de todo o ciclo de vida do produto e deve ser estabelecida de forma individualizada e encadeada, considerando que cada segmento da sociedade tem a sua parcela de responsabilidade, portanto as obrigações definidas devem garantir a correta destinação dos resíduos gerados, para que sejam reintroduzidos na cadeia produtiva, com a implementação logística reversa.

CONSUMO NA SOCIEDADE GLOBALIZADA

Na antiguidade, os indivíduos se organizavam em espaços públicos onde exerciam a cidadania, se posicionavam diante de discussões em audiências públicas e se socializavam com o objetivo de colaborar com o desenvolvimento da sociedade. Atualmente o que se observa é um esvaziamento desses locais em decorrência dos “interesses econômicos de uma minoria” e do aumento progressivo das sensações de insegurança na vida urbana, que contribuem inclusive para o enfraquecimento das relações entre os indivíduos.

Os grandes centros de compras, “templos de consumo”, passaram assumir o papel social dos tradicionais espaços públicos, no entanto de acordo com Bauman, “*Os shoppings são construídos de forma a manter as pessoas em circulação, olhando ao redor, divertindo-se e entretendo-se sem parar, mas de forma alguma por*

muito tempo, com inúmeras atrações; não para encorajá-las a parar, a se olhar e conversar, a pensar em analisar e discutir alguma coisa além dos objetos em exposição [...]” (1999).

A globalização vem promovendo modificações na estrutura social, nas convicções e nos padrões da vida em sociedade, diminuindo as fronteiras e intensificando as distâncias entre os indivíduos que podem consumir e os que não podem satisfazer os seus desejos de consumo, gerando consequências, efeitos e impactos que sucedem em uma dimensão global. De acordo com a teoria de Bauman, a globalização tem o mesmo sentido para toda a população mundial, uma vez que todos os indivíduos ocupam a posição de expectadores não havendo ninguém que seja protagonista no decurso deste processo histórico. O autor considera que *“Mais do que qualquer outra coisa, ‘globalização’ significa que a rede de dependências adquire com rapidez um âmbito mundial ...”* que incide inclusive no comportamento dos indivíduos, tornando-os reféns de um estado de constantes transformações.

Ao adquirir a forma globalizada, o capitalismo intensificou o estabelecimento de estratégias de controle que reorganiza os centros de interesse, especificamente o setor produtivo e o mercado de consumo, os quais somam forças que fomentam a produção em larga escala e respectivamente, garantem o consumo dos novos produtos desenvolvidos. Neste contexto, a mídia exerce um importante papel de induzir e criar novas necessidades, buscando manter a fidelização do consumidor, ofertando uma quantidade crescente de serviços e produtos e uma diversidade de possibilidades de acesso ao consumo. O suporte da rede de comunicação e marketing é fundamental, de acordo com Bauman *“para aumentar a capacidade de consumo, os consumidores não devem nunca ter descanso. Precisam ser mantidos acordados e em alerta sempre, continuamente exposto a novas tentações num estado de excitação incessante – e também, com efeito, em estado de perpetua suspeita e pronta insatisfação.”* (1999).

A globalização contribuiu para que os membros da sociedade capitalista se tornassem menos críticos e mais permeáveis às inúmeras artimanhas utilizadas pelos meios de propaganda. A passividade dos indivíduos, incorporada ao longo dos tempos, frente aos valores veiculados pela mídia, os impossibilita de manifestarem alguma forma de reação que viabilize mudanças. Todos, direta ou indiretamente, na sociedade capitalista globalizada são estimulados incessantemente a consumir, sem que haja uma real necessidade.

Como consequência das crescentes demandas de produção de bens de consumo, a fim de atender as “novas necessidades” da população mundial, a redução na disponibilidade dos recursos naturais, pode inviabilizar o uso pelas gerações futuras, quantitativamente e/ou qualitativamente. O padrão de consumo praticado na sociedade capitalista globalizada vem resultando em impactos sobre o meio ambiente, que pode inviabilizar a sustentabilidade da vida humana no planeta e a possibilidade das futuras gerações de usufruir dos mesmos padrões de vida social e do contato com a natureza.

Relatório Brundtland é o documento intitulado Nosso Futuro Comum, publicado em 1987, nesse documento o desenvolvimento sustentável é conceituado como aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem suas próprias necessidades. Desta forma, a principal estratégia do desenvolvimento sustentável é promover e manter a harmonia entre os seres humanos e o meio ambiente, permitindo a satisfação das necessidades, sobretudo as necessidades essenciais e, prioritariamente, aquelas das populações mais pobres e que os avanços tecnológicos propiciem o desenvolvimento economicamente viável, ambientalmente adequado e socialmente justo para toda sociedade.

CONSUMO NO CONTEXTO SOCIAL E AMBIENTAL

A sociedade pós-moderna vem se estabelecendo por meio de práticas que impulsionam o indivíduo a consumir de forma exacerbada, a fim de reforçar a sua percepção de “se sentir integrado” e de legitimar o seu pertencimento.

Uma das preocupações dos membros dessa sociedade não é apenas de fazer parte, mas principalmente de continuar integrado, ainda que apenas como uma “mercadoria”, a impossibilidade de consumir, de acordo com os padrões dominantes, contribui para que certos indivíduos desenvolvam sentimentos negativos, de “infelicidade”. Esta situação é favorável para surgimento de distúrbios sociopsicológicos, característicos da sociedade onde o consumo se intensifica diante de situações de busca pelo prazer. Lipovetsky considera que *“... a expansão do consumo hedonista não é separável das múltiplas estratégias comerciais. Com frequência, sublinhou-se como a publicidade erotizava a mercadoria, criava um ambiente festivo, um clima de sonho acordado e de estimulação permanente dos desejos. Isso prossegue. A hora é da teatralização dos pontos de*

venda, das animações diversas, do “marketing experimental”, tendo como objetivo criar uma ambiência de convívio e de desejos, introduzir prazer na frequência dos locais de venda” (2007).

A sensação de incompletude é tipicamente humana (vazio existencial), decorrente da precariedade de como se estabelecem os laços e os valores familiares, reforçada pelas constantes mudanças do ritmo da vida e pela insegurança do dia-a-dia. O mercado se prevalece desta situação e utiliza diferentes meios de *propaganda e marketing* para estimular o consumo, ofertando uma quantidade de bens materiais e serviços acima das reais necessidades físicas, maior do que é possível imaginar, quanto mais de comprar. Por isto, grande parte dessas “necessidades” que se manifestam é irreal, pois são apenas representações dos desejos, potencializados por um padrão publicitário a serviço de um mercado altamente competitivo. “*Ser ou consumir, eis a questão ... o que será melhor para o indivíduo, sofrer as consequências socioambientais do consumo exacerbado de bens e serviços ou desafiar a estrutura socioeconômica organizada que se prevalece da “falha” psicossocial da constituição humana, eis a questão...*” (parafraseando Shakespeare).

Vem se tornando recorrente recomendar a “compra terapia” (tomar um banho de lojas) como um lenitivo, para os quadros de insatisfação, baixa estima e depressão etc., pois “*O consumo dá a ilusão de preencher o vazio interior humano...*” quando, na verdade “*aprofunda-o ao aumentar sua impotência mediante seus problemas reais.*” (Pinheiro, 2005). O consumo exacerbado, consumismo, pode ser considerado um reflexo da condição humana nesta época de insatisfações constantes, que determina novos padrões comportamentais e estabelece a “Sociedade de Consumidores”. Lipovetsky afirma que “*Uma das características importantes dos bens de consumo em nossas sociedades e que eles mudam e que nós os trocamos indefinidamente, não cessando a oferta de inovar, de propor novos produtos e serviços. Se é verdade que o laço de consumo com a novidade é agora estrutural, suas relações com o prazer não o são menos, uma vez que, como escrevia Freud “a novidade constitui sempre a condição do gozo”. Não é precisamente esse poder de novidade que constitui uma das grandes molas atrativas do consumo? O que é que seduz, na compra de produtos não correntes, a não ser, ao menos em parte, a emoção nova, por mínima, que seja, que acompanha a aquisição de uma coisa?*” (2007).

Como estratégia de mercado, visando imprimir uma maior velocidade ao processo de consumo, os bens materiais já saem das fábricas com o tempo de vida útil reduzido, pré-definido, obrigando a sua pronta substituição, uma vez que o setor produtivo, de forma permanente, busca inovações tecnológicas, de modo que os produtos tornam-se obsoletos em curto espaço de tempo (obsolescência programada). A propaganda por sua vez, induz o consumidor a acreditar na qualidade de um produto, que nem sempre corresponde à realidade, alimenta os desejos mais implícitos do ser humano e induz o consumidor a atribuir ao produto a capacidade de promover ao portador maior prestígio social entre outros aspectos.

Para o atendimento das constantes demandas de produção de novos bens materiais e serviços exploram-se indiscriminadamente recursos naturais, promovendo poluição dos recursos hídricos, perda de diversidade biológica, geração de grande quantidade de resíduos, degradação ambiental entre outros impactos negativos ao meio ambiente, que propiciam a redução da qualidade de vida. O cenário atual exige uma maior atenção quanto à exploração dos recursos naturais, é necessário que haja uma profunda reflexão, em todas as esferas da sociedade, para que o desenvolvimento ocorra dentro dos limites do planeta, considerando que a humanidade já consome os recursos naturais a uma velocidade muito mais elevada do que eles são capazes de se renovarem, quando possível.

Em decorrência do processo desenfreado e predatório de desenvolvimento econômico da civilização, limites do planeta foram ultrapassados, segundo dados da WWF Brasil “*Estudos mostram que desde os anos 80 a demanda da população mundial por recursos naturais é maior do que a capacidade do planeta em renová-los. Dados mais recentes demonstram que estamos utilizando cerca de 25% a mais do que o que temos disponível em recursos naturais, ou seja, precisamos de um planeta e mais um quarto dele para sustentar nosso estilo de vida atual. Podemos dizer que esta é uma forma irracional de exploração da natureza, que gera o esgotamento do capital natural mais rápido do que sua capacidade de renovação. Esta situação não pode perdurar, pois, desta forma, enfrentaremos em breve uma profunda crise socioambiental e uma disputa por recursos.*” (2011).

A Política Nacional de Resíduos Sólidos determina que o setor produtivo deve atender as necessidades humanas, aplicando tecnologias que reduzam os impactos ambientais da produção, que utilize menos recursos naturais com menor desperdício e poluição. De acordo com o princípio da ecoeficiência, a produção deve desenvolver produtos “*mediante a compatibilização entre o fornecimento, a preços competitivos, de bens e serviços qualificados que satisfaçam as necessidades humanas e tragam qualidade de vida e a redução do*

impacto ambiental e do consumo de recursos naturais a um nível, no mínimo, equivalente à capacidade de sustentação estimada do planeta;" (Lei Federal 12.305/2010).

AS NECESSIDADES E OS DESEJOS HUMANOS

O ser humano é a única espécie viva que potencialmente tem a capacidade de pensar sobre si próprio e se questionar a respeito de sua existência, sendo esta umas das características que o distingue das demais espécies, que habitam o planeta. Sentir, pensar e agir são habilidades humanas que permitem ao homem contemplar a beleza da natureza, estudar os fenômenos naturais e produzir bens de consumo para seu bem estar.

O ato de desejar é de ordem psíquica enquanto a necessidade é de ordem biológica, ela é instintiva, pois busca por objetos específicos, por exemplo: tenho fome logo necessito de comida e tenho sede necessito de água. Desta forma, o indivíduo quando busca satisfazer um desejo, que foi estimulado por fatores externos, experimenta uma sensação de satisfação e alívio do desconforto, porém esta satisfação e o prazer sentidos são passageiros, pois *“o desejo não deseja satisfação, ao contrário, o desejo deseja o desejo”* (Taylor e Saarinen citados por Bauman, 1999). Segundo Abraham Maslow, que desenvolveu o conceito da hierarquia das necessidades, o ser humano procura em primeiro lugar a satisfação das necessidades que lhe parece mais importante, de acordo com sua teoria as necessidades humanas se diferem das necessidades dos animais, podendo ser hierarquizadas em cinco níveis, a saber: necessidades fisiológicas, que são as mais básicas, e a principal prioridade do ser humano, seguidas por necessidades de segurança, necessidades sociais, necessidades de "status" ou de estima e necessidade de auto-realização.



Figura 1: Pirâmide de Maslow

A produção e a oferta de novos produtos na sociedade capitalista globalizada são intensificadas a cada momento, pois favorece a lógica da descartabilidade, uma vez que o desejo desvincula-se do objeto a ser consumido ligando-se simplesmente ao ato de consumir. Bauman afirma que *“desejar não basta; para tornar o desejo realmente desejável e assim extrair prazer do desejo, deve-se ter uma esperança racional de chegar mais perto do objeto desejado.”* (1999). Todavia, o ser humano ainda tem a capacidade de fazer suas escolhas, desta forma cada indivíduo ao adquirir a consciência dos impactos que seus hábitos de consumo provocam no meio ambiente, pode optar por um padrão de consumo, que seja sustentável.

Um das grandes preocupações dos indivíduos, nos dias atuais, é capitalizar e satisfazer o seu maior desejo de manter e aumentar o seu poder de compra, pois passou a reduzir tudo simplesmente a significância puramente material, valorizando a novidade. Se na sociedade capitalista globalizada um indivíduo é consagrado pelos

hábitos de consumo e pelos bens que possui, é por meio do consumo exacerbado, que buscará compensar os seus sentimentos de inferioridade e suprir a sensação de “vazio interior”. Há uma possível relação “patológica” entre o ato de desejar mais do que se necessita e o ato de consumir, assim como a intensidade com que esses atos se manifestam. A Organização Mundial de Saúde – OMS define que “saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não consiste somente da ausência de uma doença ou enfermidade”.

O ser humano submeteu-se a vários processos evolutivos e realizou várias revoluções ao longo da história da humanidade, de escravo a homem livre, contudo é necessário “[...] *ao mesmo tempo a mudança que acompanha o estágio presente da civilização produz em muitas pessoas uma indisposição e muitas vezes uma incapacidade de exprimir emoções fortes, tanto na vida pública como na vida privada*” (Elias, 2001). Faz-se necessário que cada indivíduo assuma o seu papel de sujeito da sua história, lidando de frente com suas questões existenciais, pois de acordo com Enriquez, o homem é “[...] *aquele que tenta sair tanto da clausura social quanto da clausura psíquica para se abrir ao mundo e para tentar transformá-lo. Tenta introduzir a mudança em si mesmo e nos outros. Essa inconformidade do indivíduo, representada em sua transformação em sujeito.*” (1994).

SISTEMA PRODUTIVO SUSTENTÁVEL

De acordo com o Ministério de Meio Ambiente, produção sustentável “*pode ser entendida como sendo a incorporação, ao longo de todo o ciclo de vida de bens e serviços, das melhores alternativas possíveis para minimizar impactos ambientais e sociais. Acredita-se que esta abordagem reduz, prevenindo mais do que mitigando, impactos ambientais e minimiza riscos à saúde humana, gerando efeitos econômicos e sociais positivos*”

Em virtude dos interesses econômicos, o setor empresarial ainda adota, em muitos casos, padrões de produção insustentáveis, sendo omissos no desenvolvimento de ações que visam reduzir os impactos decorrentes dos processos de exploração dos recursos naturais e da produção. *Se faz necessário a “aplicação contínua de uma estratégia ambiental integrada e preventiva para processos, produtos e serviços, para aumentar a eficiência global e reduzir os riscos às pessoas e ao meio ambiente”* (UNEP, 2009), seguindo diretrizes como da Produção Mais Limpa (P+L).

As normas internacionais ISO (*International Organization for Standardization*) também instituem diretrizes para a adequação dos requisitos ambientais nas empresas, estabelecendo normas para a implantação de um Sistema de Gestão Ambiental - SGA, em que sejam adotados procedimentos para a prevenção da poluição, com a melhoria contínua e conformidade legal.

A fim de contribuir com o desenvolvimento sustentável da sociedade, a produção de bens materiais e serviços deve associar cada vez mais, componentes ambientais a suas estratégias comerciais e ao seu planejamento estratégico, por meio de um modelo de gestão ambiental, que incorpore mudanças no processo produtivo empresarial, adotando medidas de gerenciamento que priorizem o uso de matérias-primas de fontes renováveis, com utilização consciente, para gerar o mínimo de resíduos e de emissões de gases que causem danos ao meio ambiente.

É importante que também sejam observadas as regras definidas pela Política Nacional de Resíduos Sólidos quanto a responsabilidade pós-consumo, que de acordo com a Cetesb “*refere-se à responsabilidade dos fabricantes, distribuidores ou importadores de uma série de produtos pela gestão dos resíduos gerados por estes após seu consumo (tais como embalagens, produtos usados, vencidos ou quebrados)*” A fim de viabilizar esta prática devem implantar a Logística Reversa (*instrumento de desenvolvimento econômico e social caracterizado por um conjunto de ações, procedimentos e meios destinados a viabilizar a coleta e a restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para reaproveitamento, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos, ou outra destinação final ambientalmente adequada.*)

CONSUMO E O CONSUMISMO

Nos primórdios da civilização, o escambo ou simplesmente troca era a forma que os indivíduos praticavam as transações que envolvia a entrega de um bem ou prestação de serviço para receber sem envolver dinheiro, um outro bem ou serviço. Ao longo do tempo, essa prática foi sendo modificada para o modelo que é hoje

aplicado, onde as transações comerciais são realizadas por meio de moedas, atribuindo ao portador o poder de compra, para adquirir os produtos e serviços que desejar.

Na sociedade moderna contemporânea o consumo é um fim em si mesmo, consome-se por consumir, consome-se os valores que são incorporados aos produtos para que sejam desejados por todos. Consumir propicia alívio imediato, porém temporário, das sensações de ansiedades, angústia, depressão e outras aflições, Fromm alerta que “[...] *consumir apresenta qualidades ambíguas: alivia ansiedades, porque o que se tem não pode ser tirado; mas exige que se consuma cada vez mais, pois o consumo anterior logo perde a sua característica de satisfazer. Os consumidores modernos podem identificar-se pela fórmula: Eu sou = o que tenho e o que consumo.*” (1987). Buscar “... *compreender esse sujeito que escolhe marcas comerciais para justificar o seu pertencimento psicossocial, através de identidades revogáveis, temporárias e flutuantes*” (Tavares, 2004), é uma das alternativas que pode contribuir para um melhor entedimento do padrão consumista adotado por certos indivíduos, incapazes de usar e assumir a sua melhor marca – “a autenticidade”.

A todo instante o consumidor se vê diante de uma multiplicidade de ofertas de novos produtos e serviços. A fim de garantir a dinâmica da economia e maximizar o consumo, são concebidos planos de marketing, estrategicamente elaborados para persuadir o consumidor a descobrir novas necessidades e a consumir mesmo sem ter uma necessidade real. Atualmente, além dos bens e serviços também se consome padrões estéticos, modelos de educação, de relacionamento, de estilo de vida etc., em virtude do grande desejo de se obter o reconhecimento social. Bauman considera que “*o consumo é um investimento em tudo que serve para o “valor social” e auto-estima do indivíduo*” e afirma que “*numa sociedade de consumidores, de maneira correspondente, a busca da felicidade – o propósito mais invocado e usado como isca nas campanhas de marketing destinadas a reforçar a disposição dos consumidores para se separarem de seu dinheiro [...]*” (2008).

Consumismo, prática que é exercida pelos indivíduos que não conseguem lidar com a manifestação do “vazio existencial” e com sintomas decorrentes, pode ser diagnosticado como um problema de fundo sociopsicológico. Para Bauman o consumismo é um atributo da sociedade em que o consumo, se torna o principal objetivo da vida da maioria dos indivíduos, em que a “[...] *capacidade de ‘querer’, ‘desejar’, ‘ansiar por’ e particularmente de experimentar tais emoções repetidas vezes de fato passou a sustentar a economia do convívio humano.*”

O consumismo, consumo exacerbado, não é uma característica específica da sociedade capitalista globalizada, de acordo Veblen, em 1.899 já se estudava o aumento do consumo dos produtos no decorrer da revolução industrial. Baudrillard afirma que “[...] *é preciso que fique claramente estabelecido que desde o início o consumo é um modo ativo de relação (não apenas com os objetos, mas com a coletividade e com o mundo), um modo de atividade sistemática e de resposta global no qual se funda nosso sistema cultural.*” (1993). O consumismo é uma prática de consumo exercida por toda humanidade, que vem acelerando o processo de exaustão dos recursos naturais e gerando a necessidade de grandes áreas e estruturas para a disposição final dos resíduos sólidos gerados. Segundo o mesmo autor, vivemos em uma sociedade de consumidores que “*representa um conjunto peculiar de condições existenciais em que é elevada a probabilidade de que a maioria dos homens e das mulheres venha a abraçar a cultura consumista em vez de qualquer outra, e de que na maior parte do tempo obedeçam aos preceitos dela com máxima dedicação.*” (2008).

Rever os hábitos de consumo e reduzi-los, praticando o consumo responsável é um exercício de cidadania, garantir o retorno dos resíduos após o consumo ao setor industrial e a destinação final ambientalmente adequada deve ser umas das principais preocupações de todo consumidor responsável, que tenha consciência dos impactos e das consequências para o meio ambiente e para a saúde pública, quando não são observadas estas regras.

Contudo, em virtude dos interesses econômicos, o setor empresarial ainda adota em muitos casos, padrões de produção insustentáveis, sendo omissos no desenvolvimento de ações que visem reduzir os impactos decorrentes dos processos de produção. *Se faz necessário a “aplicação contínua de uma estratégia ambiental integrada e preventiva para processos, produtos e serviços, para aumentar a eficiência global e reduzir os riscos às pessoas e ao meio ambiente”* (UNEP, 2009), seguindo as diretrizes da P+L (Produção Mais Limpa). Somente desta forma, o setor produtivo poderá continuar funcionando, integrando cada vez mais, componentes ambientais a suas estratégias comerciais e seu planejamento estratégico, contribuindo com o desenvolvimento sustentável da sociedade.

BUSCA DA FELICIDADE

Para a maioria dos seres humanos a conquista da felicidade é a razão da existência da vida humana, embora não haja um manual que disponibilize o passo-a-passo para conquistar a felicidade, segundo Lipovetsky *“É em nome da felicidade que se desenvolve a sociedade de hiperconsumo. A produção dos bens, os serviços, as mídias, os lazeres, a educação, a ordenação urbana, tudo é pensado, tudo é organizado, em princípio, com vista à nossa maior felicidade”* (2007). Alcançar a felicidade é o sentido da existência humana, que almeja um estado pleno de bem estar e prazer absolutos. Bauman afirma que *“A busca da felicidade e a esperança de sucesso tornaram-se “a motivação principal da participação do indivíduo na sociedade”* (2003).

Quando o ser humano passou a viver em sociedade teve que lidar com uma série de regras, que foram definidas a fim de manter a convivência humana de forma harmoniosa, com isto, o homem teve que se acostumar a controlar as suas manifestações instintivas, abdicando de sua liberdade, o que gerou um “mal estar” de acordo com a teoria Freudiana. No texto *Mal-Estar na Cultura* (1930), Freud provoca um questionamento sobre o que os seres humanos querem alcançar na vida ao mesmo tempo em que responde que o objetivo humano é atingir a felicidade e mantê-la, *“No entanto, o máximo que conseguem é gozar e uma felicidade momentânea, resultante da satisfação das necessidades retidas com alto grau de estase”*.

Para Lipovetsky *“a felicidade não é mais pensada como futuro maravilhoso, mas como presente radiante, gozo imediato sempre renovado, ‘utopia materializada’, da abundância.”*(2007). Por esse motivo os indivíduos consomem de forma exacerbada, mesmo sem ter necessidade, buscando a satisfação do momento presente, ignorando as consequências futuras. O consumo exacerbado na sociedade capitalista globalizada está relacionado com a busca do preenchimento do impreenchível, na ânsia de não sentir este vazio existencial, o ser humano recorre ao consumismo como uma solução. Trata-se de uma busca incessante por algo que se acredita que será encontrado no mundo exterior, todavia apenas com momentos de reflexão e o alto conhecimento, o indivíduo compreenderá a natureza de suas necessidades e desejos, transformando os seus hábitos de consumo.

Segundo Victor Hugo, *“a felicidade não se encontra nos bens exteriores.”* e Aristóteles reforça este conceito afirmando que *“O que temos dentro de nós é o essencial para a felicidade humana”* ... A possibilidade de acesso a uma diversidade de bens materiais não propicia a felicidade tão almejada e nem atenua os seus desejos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - O MOMENTO É DE MUDANÇAS

O desenvolvimento de novas tecnologia favorece a produção de uma diversidade de bens e serviços, em escala global, a fim de atender protamente as necessidades e os desejos dos indivíduos na sociedade capitalista globalizada, que vem promovendo o esgotamento dos recursos naturais e acarretando a geração de grandes quantidades de resíduos (lixo). Todavia, todo avanço tecnológico não contribui na mesma proporção para a melhoria da qualidade de vida, muito pelo contrário, o cenário atual é desesperador, grandes áreas vem sendo utilizadas como depósitos de resíduos, recursos hídricos e solos contaminados por resíduos e efluentes industriais e o aumento das emissões de gases de efeito estufa.

Os avanços tecnológicos contribuem para o fortalecimento do setor industrial, “gerando riquezas” para quem ???, cria oportunidades de empregos, sendo que salários nem sempre são justos. Desta forma “os ricos estão cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres”, pois a acumulação de renda se dá apenas por parte de um grupo minoritário, em detrimento da maior parte da população. As desigualdades entre estes dois grupos são cada vez mais gritantes, enquanto alguns vivem em relativo conforto outros não usufruem das mesmas regalias.

O fato é que o ser humano vivencia uma época de mudanças constantes é inegável que esta situação reproduza diversas formas de insatisfações pessoal que refletem nos hábitos e na conduta humana, estabelecendo um novos padrões comportamentais, neste sentido CALLIGARIS nos alerta que *“cada época organiza seus gozos e tem as patologias que merece”* (2000). Com certeza o consumo exacerbado é uma resposta aos estímulos do capitalismo globalizado, que se utiliza dos diferentes meios de propaganda, para manter bem acima da realidade o grau de necessidades dos indivíduos globalizados, uma vez que considera as carências existenciais e a dificilmente que os mesmos possuem de refletir sobre as suas questões pessoais.

Todas as mudanças que ocorreram nas sociedades humanas repercutiram também em transformações comportamentais nos indivíduos, inclusive na transição de seus valores pessoais. De acordo com LARAIA, *“Cada mudança, por menor que seja, representa o desenlace de numerosos conflitos. Isto porque em cada momento as sociedades humanas são palcos do embate entre as tendências conservadoras e as inovadoras. As primeiras pretendem manter os hábitos inalterados, muitas vezes atribuindo aos mesmos uma legitimidade de ordem sobrenatural. As segundas contestam a sua permanência e pretendem substituí-los por novos procedimentos.”* (2005).

A sociedade capitalista, via mídia, empenha-se em definir padrões de consumo, questionar tais modelos é uma forma de sair da passividade e ter uma atitude consciente responsável, dizendo não para o poder coisificador do mercado globalizado onde cada um é simplesmente mais um. Para Bauman *“Somos todos interdependentes neste nosso mundo que rapidamente se globaliza, e devido essa interdependência nenhum de nós pode ser senhor de seu destino por si mesmo.”* (2003). Definir diferentes formas de socialização e promover a solidariedade entre os membros da sociedade pode ser uma alternativa para o estabelecimento de uma nova realidade humana comprometida com ideais coletivos que neutralizem os impulsos consumista e questione as regras estabelecidas pelo sistema econômico, cujo o maior compromisso é com a expansão dos mercados de produção e de consumo.

Os problemas sociais e ambientais atuais são complexos que demandam soluções coletivas, uma das maneiras de criar oportunidade para que as pessoas atuem em prol de benefícios coletivos é a mobilização social, ferramenta que tem como objetivo promover a integração entre diversos setores da sociedade em prol de um objetivo comum. Trata-se de uma ação coletiva que propicia o desenvolvimento do sentimento de pertencimento e principalmente empoderamento, sendo uma estratégia que propõe uma forma a integração de indivíduos a fim de tratar de interesses comuns e buscar soluções. Para TORO, *“Mobilizar é convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados e que toda ordem social é criada por nós. O agir ou não agir de cada um contribui para a formação e consolidação da ordem em que vivemos”* (2004).

“Eu começo a sentir a embriaguez a que essa vida agitada e tumultuosa me condena. Com tal quantidade de objetos desfilaro diante de meus olhos, eu vou ficando aturdido. De todas as coisas que me atraem, nenhuma toca o meu coração, embora todas juntas perturbem meus sentimentos, de modo a fazer que eu esqueça o que sou e qual meu lugar.” JEAN JACQUES ROSSEAU (1712-1778).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
2. BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca or segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
3. BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
4. BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor., 2001.
5. BAUMAN, Zygmunt. O Mal-Estar da Pós Modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
6. BAUMAN, Zygmunt. Tempos Líquidos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
7. BAUMAN, Zygmunt. Vida Para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
8. BAUMAN, Zygmunt. Vidas Desperdiçadas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
9. BARCIOTTE ML. Coleta seletiva e minimização de resíduos sólidos urbanos: uma abordagem integradora. São Paulo (SP); 1994. [Tese de Doutorado - Departamento de Saúde Ambiental da Faculdade de Saúde Pública da USP].
10. CALLIGARIS, Contardo. Sociedade e indivíduo. IN: Psicanálise e Sintoma Social. São Leopoldo: Editora Unisinos,1993.
11. ELIAS, Nobert. A solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e Morrer. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editor, 2001.

XXVI Encontro Técnico AESABESP

12. ENRIQUEZ, E. et al. *Psicossociologia – análise social e intervenção*. Petrópolis: Vozes, 1994.
13. FLEIG, Mario, (org.) *Psicanálise e Sintoma Social*. Rio Grande do Sul: Editora UNISINOS, 1993.
14. FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
15. FROMM, Erich. *Análise do Homem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.
16. GORZ, A. *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume, 2005.
17. GUNTHER, Wanda M. Risso. *Sólidos no Contexto da Saúde Pública*. Texto de sistematização crítica de parte da obra da candidata apresentada a USP/FSP. São Paulo, 2008.
18. IANNI, Otavio. *A política mudou de lugar – Desafios da Globalização*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
19. KEHL, M.R. *Sobre Ética e Psicanálise*, 2002.
20. LAPLANCHE, Jean. *Coleção memória da psicanálise: psicanalistas contemporâneos – A omelete e o seio*. São Paulo: Dueto Editorial, 2009.
21. LARAIA, Roque de Barros. *Cultura um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
22. LIPOVETSKY, Gilles. *A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2008.
23. ODUM, Eugene P. *Fundamentos da ecologia*. Lisboa: Fundação Clouste Gulbenkian, 1997. p. 118.
24. PAGANINI, Wanderley da Silva; *A identidade de um rio de contrastes: o Tiete e seus múltiplos usos*. – 2ª ed. – São Paulo: ABES, AESABESP, 2008.
25. PINHEIRO, M. C. T. *Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais de consumo na contemporaneidade*. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*. Vol. 5 n. 2. Rio de Janeiro. Dezembro, 2005.
26. PROSAB - Programa de Pesquisas em Saneamento Básico.
27. SEVERIANO, M.F.V. *Narcisismo e publicidade: Uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade*. São Paulo: Annablume, 2001.
28. TAVARES, Fred. *O consumo na pós modernidade uma perspectiva psicossociológica*. Rio de Janeiro: Revista Comum da OHAEC, 2004.
29. TAVARES, Fred. *O marketing pós moderno nas sociedades midiáticas e temporais*. Rio de Janeiro: Revista Comum da OHAEC, 2001.
30. WEINMANN, Amadeu de Almeida. *Princípios de direito penal*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 2004.